

Uma das características mais importantes do momento histórico em que estamos vivendo está na explosão da informação disponível à população. Por muitos caracterizado como um momento tão ímpar quanto o da invenção da escrita, ou numa menor escala, como o da invenção da prensa tipográfica, o atual momento histórico parece indicar uma mudança mais drástica ainda, pois as implementações das mudanças têm acontecido numa velocidade espantosa. O contexto político e econômico que cerca a crise pela qual passamos, potencializa ainda mais as mudanças tecnológicas, pois quase que imediatamente elas são implementadas e utilizadas pelos sistemas de poder vigentes. Grandes mudanças sociais ainda acontecem sob o pretexto genérico da "globalização". Este termo tem abrigado sob si uma variedade imensa de novas atitudes e ações sociais "globais" que afetam diretamente bilhões de pessoas através de um sistema quase unificado de propaganda e convencimento que induz a população a adotar um sistema de valores e comportamentos que inclui, entre vários outros aspectos, o "poder de compra" como o valor maior a ser atingido pelo ser humano.

Assim, a massa de seres humanos vai sendo empurrada para um comportamento cada vez mais adequado aos interesses de uma minoria que domina os meios de produção. Esta produção agora não mais se restringe a bens materiais, mas está deslocada para a capacidade de produzir idéias. Estas idéias agora não são fruto de uma criatividade historicamente herdada pelo homem em seu processo evolutivo, fruto de inspirações e aspirações de alcançar dimensões ainda não exploradas e desconhecidas. Estas idéias, agora, são fruto de uma máquina maquiavélica que pretende influenciar e impor modelos comportamentais cada vez mais limitantes que aumentem da forma mais eficiente o consumo de grandes parcelas da população ainda capazes de consumir. Não estamos levando em conta aqui a parcela daqueles seres que estão sendo simplesmente classificados por esta mesma minoria, como seres de uma classe inferior. Não mais agora pertencentes a uma classe social, mas a uma classe humana inferior. Esta nova classe de seres (segundo a ideologia subjacente) não tem nem mesmo o direito de sobreviver. Esta situação é muito mais grave que a vivida pelos escravos nos diferentes períodos da história humana. A gravidade aqui está justamente na imposição deste comportamento sem que haja agora a mínima necessidade de que isto seja justificado eticamente, religiosamente ou moralmente. Simplesmente estes comportamentos são subliminarmente impostos utilizando-se técnicas sofisticadas que contam com a redução cada vez maior da capacidade crítica, visto que o próprio padrão de comportamento imposto gera um rebaixamento da consciência. Este comportamento inclui a atração por estímulos sensoriais cada vez mais básicos e ligados a instintos de sobrevivência básica, domínio territorial e acasalamento adequado. Desta forma, as pessoas são atraídas por conceitos e modelos que prometem prazeres e sensações exacerbadas ligadas a estímulos gustativos, sexuais e de poder (capacidade de matar e submeter). Assim, prometem-se grandes

sabores e vende-se a casca grosseira e não trabalhada, prometem-se grandes prazeres, e vendem-se prazeres estratificados e restritos segundo modelos bem econômicos e parcimoniosos, promete-se o poder de se possuir o último e mais caro modelo e assim promete-se ao mesmo tempo a possibilidade de se tornar um ser exclusivo, único e especial, quando na verdade, se vende mais uma mercadoria produzida em série aos milhões de unidades, exatamente como o vizinho do lado.

Desta maneira, todos os projetos e modelos atuais de divulgação de novas idéias são rapidamente incorporados na nova "ideologia", que os empacota e rapidamente descobre funções de utilizá-los para um "bem maior" que inexoravelmente está ligado ao aumento do lucro de grandes corporações. Assim a produção de bens culturais desde o cinema, teatro, literatura, artes, ciência e filosofia fica encapsulada pelo mesmo grande meme<sup>1</sup> imposto por este seletivo grupo. Tudo isto sem levar em consideração a utilização grotesca do medo como forma de influenciar, no comportamento de curto prazo, camadas da população que sejam importantes em processos democráticos e livres e que estejam em momentos de decisão importante.

Olhando sob esta perspectiva e comparando com a situação atual, a psicologia do século XX nos parece extremamente pura e evoluída (até mesmo ingênua), pois nos proporcionou há cem anos atrás a possibilidade de questionar o comportamento do homem e da mulher na sociedade ocidental. Este questionamento surgiu diante das crises das grandes guerras e foi baseado em, grande parte devido à influência Freudiana, elementos do chamado inconsciente individual e logo em seguida estendido ao coletivo. Desta maneira, o ocidental se abriu para perspectivas de mudanças de consciência e até mesmo de comportamento que antes só haviam sido registradas de forma sistemática pelos sábios islâmicos, aproximadamente mil anos antes com o estudo dos *nafs*<sup>2</sup> e as propostas de clínicas para tratamento mental.

Algumas décadas após Freud e Jung terem estabelecido seus sistemas psicológicos, surgiram degenerações e limitações destes sistemas que levaram ao questionamento da generalidade e eficiência dos modelos terapêuticos recentemente criados. O encapsulamento ideológico também aconteceu aqui, colocando todas estas idéias e técnicas a serviço do ideal maior de adaptar as pessoas ao contexto acima citado, fazendo com que elas se tornem "bons consumidores" e não bons "seres humanos". Assim, o modelo psicológico do século XX nos trouxe possíveis caminhos para tratamento de patologias mentais e comportamentais tanto a nível do indivíduo como a nível coletivo. Sem entrar no mérito das idéias trazidas por Reich, da psicologia

---

<sup>1</sup> Meme foi um neologismo utilizado por Richard Dawkins em 1976 em seu livro O Gene Egoísta, utilizando o princípio evolucionista para explicar a propagação de uma idéia e fenômenos culturais.

<sup>2</sup> Nafs pode ser grosseiramente definido como um termo árabe equivalente à psiquê ou self na psicologia moderna. Os nafs se referiam a estágios de desenvolvimento do homem que mais se assemelham aos homens número 1,2,3 e 4 de Gurdjieff.

da massa e outros, muitos destes conceitos também foram utilizados de uma forma extremada e inesperada por grandes líderes ligados às duas grandes guerras que surgiram naquele século.

Com a pasteurização generalizada a que estão hoje sendo submetidas, as idéias nos chegam já mastigadas e remastigadas, digeridas e empacotadas para serem utilizadas de acordo com uma ideologia pouco definida. Esta "ideologia" não tem premissas, não tem tese, não tem teoremas nem corolários, ela é simplesmente sugerida ou imposta subliminarmente, fazendo com que tudo possa ser justificado à luz das "leis do mercado", da "liberdade de expressão e pensamento", da "democracia" e do "respeito aos direitos inalienáveis do ser humano". Todos estes termos são divulgados de forma inconsistente e superficial, e na verdade funcionam como slogans de mais uma campanha de divulgação de um produto. É o produto da informação vendendo informação.

Assim a informação disponível em quantidades inimagináveis à população mais parece uma distribuição de pasto embalado em diferentes cores e distribuído ao gado daltônico. Este gado não só não sabe abrir o pacote, nem diferenciar um do outro, mas é iludido pelo jogo de cores e palavras de estar consumindo algo novo e especial.

Nas últimas décadas os modelos psicológicos estão misturados a um número inimaginavelmente grande de publicações científicas sempre baseadas na teoria da distribuição normal gaussiana que afirmam relações entre fatores bioquímicos, genéticos, sociais, comportamentais, e predisposições até mesmo raciais ou de sexo. Esta mistura faz com que Jung, Freud, Reich, Lacan, e outros sejam diluídos num mar de informações inúteis sobre o ser humano. Some-se a isso, a incorporação que esta mesma "ideologia" fez das idéias divulgadas nos anos sessenta (muito provavelmente por escolas de sabedoria) que propagavam uma modificação comportamental do jovem ocidental. Boa parte deste material foi incorporada pelo que posteriormente foi rotulado de movimento "new-age". Assim, grande parte das oportunidades de mudança comportamental e de consciência de si resumiu-se a aplicações terapêuticas controversas de técnicas originadas no começo do século XX. Estas aplicações se estratificaram na técnica da terapia psicanalítica propagada até hoje como um dos únicos modos aceitáveis de mudança e transformação comportamental em nossos dias. Acontece que boa parte destas terapêuticas não mais se propõe a resolver o problema humano no sentido de suas buscas genuínas e indagações existenciais. De certa forma até mesmo os "Junguianos" assumem uma postura que tenta recolocar estes questionamentos ou experiências transcendentais dentro de um quadro patológico. Desta maneira, todos os níveis de consciência disponíveis ao homem desembocariam num núcleo que se assemelha muito a um núcleo egoístico. Como gastar grandes somas de dinheiro e de tempo ao longo de vários anos não parece estar se tornando acessível a faixas representativas da população, a possibilidade de que a terapia psicanalítica se torne uma alternativa de modificação disponível para quem realmente precise dela, se torna cada vez menor.

O modelo dos centros surge com o Trabalho proposto por Gurdjieff, com o intuito de fornecer uma inestimável ajuda àqueles que buscam por uma modificação em suas consciências que tenha um caráter mais permanente e objetivo. O modelo dos centros fornece um mapa, o arcabouço de idéias fundamentais que podem funcionar como uma estrutura que dá sustentação

a um conjunto de desenvolvimentos possíveis da consciência humana que somente podem ser obtidos dentro do contexto de auto-desenvolvimento objetivo. Assim, mesmo que observadas através de mudanças comportamentais, as mudanças da consciência de si que podem utilizar o modelo dos centros estão, pela própria natureza da modificação, inexoravelmente vinculadas às mudanças em sensações internas. Comumente desprezadas pela ideologia positivista e especialmente pela ideologia atual, estas sensações internas são o parâmetro interno possível ao ser humano em um processo de real modificação. A estas sensações mais genuinamente humanas e que estão se tornando cada vez mais raras damos o nome de Sensação de Ser.

A Sensação de Ser também tenta ser incorporada pela mídia atual em peças publicitárias recentes que se apóiam em recentes pesquisas científicas correntes e que apontam que a "mulher atual" valoriza mais o poder em ter sucesso profissional do que qualquer outro fator e que portanto valorizando mais o "ser" do que o "ter". A falácia destas deduções é que o "ser" a que se referem estes "cientistas" mercadológicos é definido por valores externos a ele. Simplesmente se mudou o referencial de objetos de poder para posições de poder. E, mais uma vez, o poder aqui se relaciona à capacidade de compra.

Assim a Sensação de Ser é o elo perdido (literalmente) da evolução humana atual. Estamos num período das trevas da consciência humana, onde um grande vazio, um buraco negro da consciência se propaga avassaladoramente sobre a capacidade de se sentir um Ser. Este buraco negro atrai para seu interior multidões ensandecidas de seres que aos poucos se tornam cada vez mais incapazes de pensar sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca, mas que principalmente perderam a capacidade de se sentirem vivos! Estamos aqui diante de um quadro agravado daquele descrito por Gurdjieff um século atrás. O que antes era descrito como homens adormecidos, hoje se torna cada vez mais homens mortos. Sim, homens mortos porque estão cada vez mais incapazes de sentirem genuinamente a Vida e serem a manifestação mais importante dela sobre nosso planeta.

Assim, o quarto caminho propõe uma "terapia alternativa" que se compara a uma UTI do ser. Uma terapia intensiva que não visa a inserção do ser humano em um modelo social e político doente e perverso. O quarto caminho propõe o resgate da consciência da Vida. Agora sim, dentro deste contexto, o modelo dos centros começa a fazer sentido na medida em que possibilita às pessoas que se enxerguem, se espelhem no modelo, gerando um mapa da consciência de si mesmas. Este mapa necessariamente passa por imprecisões e aspectos nebulosos pois ele só pode ser montado a partir da experiência de cada um. Como qualquer modelo ou mapa, o modelo dos centros é uma descrição da realidade e como tal tem limitações intrínsecas. Por princípio, o modelo dos centros baseia-se na capacidade que o cérebro humano possui de gerar a Sensação de Ser. A atual cultura da informação e a indústria de ideologias mercadológicas deslocam o que resta desta capacidade para regiões de nossa mente associadas com o pensamento e capacidade de produzir e perceber imagens. A era de internet, dos computadores pessoais e da televisão estimulam e mantêm aprisionadas as consciências em representações digitais animadas prontas e formatadas.

Os centros são então propostos como os núcleos funcionais de sensações de Ser. Estes núcleos são tradicionalmente divididos em centros motor, emocional e intelectual quando se referem aos aspectos do homem que ainda não entrou em contato com o Trabalho. Estes núcleos são funcionais na medida em que espelham sensações de Ser associadas a certas funções da cognição humana. A capacidade que temos em nos sentir pensando está associada ao centro motor intelectual. A capacidade de nos sentir emocionados está projetada no centro motor emocional e a capacidade de nos sentir sensorialmente está associada ao centro motor-motor ou centro motor físico. Esta tríade se refere então ao substrato básico deste mapa cognitivo lançado por Gurdjieff no início do século passado. Este mapa cognitivo vai além destas sensações básicas a que deveríamos ter acesso, mas que estão cada vez mais amortecidas. Desta maneira este conjunto de três tipos de sensação de ser são chamadas de sensações da máquina. Quando descobrimos a capacidade da auto-observação, somos capazes de gerar conteúdos cada vez mais ricos de experiências que podem ser projetadas neste mapa, neste modelo.

O modelo dos centros, portanto só pode ter utilidade na medida em que quem o utiliza é treinado na capacidade de perceber sua Sensação de Ser. Assim, a utilidade do modelo foge muito daquela dos modelos a que temos acesso atualmente. Este mapa só tem validade, na medida em que formos capazes de explorar um universo de sensações internas que somente são acessíveis àqueles que estão num processo de desenvolvimento da capacidade de auto-observação. A máquina humana sugerida por Gurdjieff somente pode ser observada inicialmente, a partir de dentro. Supondo que restem elementos vivos de consciência dentro destas máquinas, somente eles podem ser aptos a ativar a capacidade de crescimento e desenvolvimento interno do homem.

O desenvolvimento deste mapeamento se dá pelo acúmulo de experiências obtidas através da auto-observação e através da comprovação, passo a passo, exercício a exercício, das relações e funcionamentos dos mecanismos da máquina biológica humana. Agora a tipologia gurdjieffiana começa a fazer sentido, na medida em que funciona como um macro-mapa descrevendo as inter-relações possíveis entre estes centros, gerando as miríades de "eus" que podem vir a formar egos conflitantes e muitas vezes rígidos que nos separam de um funcionamento mais pleno.

O modelo dos centros não se propõe a ser um instrumento de adaptação, mas um modelo que permita o crescimento da consciência, portanto ele nos impulsiona a ambições maiores, a regiões mais elevadas e amplas da consciência. Assim o modelo não se restringe à máquina. O modelo continua com a comparação a um prédio com diferentes andares. O andar inferior inclui os três centros citados acima. Estes três centros muitas vezes são chamados de sub-centros do centro motor. Assim teríamos o sub-centro motor-motor, o sub-centro motor-emocional e o sub-centro motor-intelectual. Além do centro motor, ainda compõe o andar inferior, outros dois centros: o centro instintivo e o centro sexual. O andar inferior deste prédio corresponde agora sim à máquina biológica humana composta de diferentes variações desta Sensação de Ser à qual

podemos vir a ter acesso, a medida que nos propomos e nos engajamos num processo de auto-observação dentro de uma proposta ligada ao Trabalho.

No começo da exposição do modelo dos centros feita por Gurdjieff, o prédio do Ser era descrito em termos de três andares. Os dois andares superiores eram descritos como aqueles que continham os centros superiores. O segundo andar continha o centro emocional superior e o terceiro andar o centro intelectual superior. Estes dois andares foram apresentados à época incompletos, por ser uma primeira apresentação do modelo, e por se saber de antemão que as pessoas expostas naquele período, não teriam a possibilidade de expandir sua consciência no máximo potencial. O máximo potencial aqui se localiza na capacidade de, além de gerar modificações temporárias na consciência, fazer com que elas se cristalizem em corpos superiores.

Desta forma, o modelo dos centros pode funcionar como uma planta de um prédio que agora não só representa potenciais de expansão da consciência através da modificação da Sensação de Ser, mas como uma ferramenta de planejamento e controle da construção e edificação de um processo de transformação do Ser. Um ser mais completo se torna possível na medida em que a conscientização do mapa esteja vinculada à compreensão das leis que regem os princípios da arquitetura envolvida, dos requisitos relativos aos materiais necessários na "construção civil", e da capacidade de acumular operários internos na elaboração e construção do prédio. Nesta analogia temos três níveis de funcionamento de todo o sistema que representa o próprio Trabalho como um todo, e cada um destes níveis corresponde a um tema que por si só, deve ser discutido à parte em outra oportunidade:

- Princípios de arquitetura -> LEIS CÓSMICAS
- Princípios de construção civil -> EXERCÍCIOS E TÉCNICAS (COMPREENSÃO DELAS)
- Mão de obra operária -> mobilização dos meus "eus" internos em prol do Trabalho.

Todo este sistema de descrições do quarto caminho sinaliza às pessoas daquele momento histórico da humanidade que existe a possibilidade de se tornar um Ser maior e mais completo e escapar da prisão de consciência em que a humanidade está. Para isto, uma atitude urgente deve ser tomada no sentido de escapar desta prisão. A atitude está em fazer o movimento, o esforço de ir ao encontro da fonte deste modelo, e aprender com ele que o "prédio completo" (homem perfeito) é possível, porque muitos já foram construídos há milênios ao longo da história. Além da possibilidade de transformação, o modelo sinaliza que existe um projeto maior que já antevê os estágios de transformação, como deve ser a tecnologia para que esta transformação aconteça, e que deve haver uma mobilização dos fragmentos de identidade (eus internos) para que o processo se realize.